

Bernard Lugan
HISTÓRIA DE ÁFRICA
Das origens à actualidade
VOLUME I

Traduzido por **Francisco Silva Pereira**

Índice

INTRODUÇÃO	21
PRIMEIRA PARTE	
ÁFRICA DESDE AS ORIGENS AO SÉCULO VI D. C.	29
CAPÍTULO I	
ÁFRICA ATÉ ± 3200 A. C.	31
A. As etapas da hominização	33
1. Hominídeos e primatas	34
2. Primeiros homens ou primeiros africanos?.....	35
3. O Homem moderno.....	38
B. Alterações climáticas que explicam a fixação das populações	41
1. Antes de ± 10 000 a. C.	41
2. Entre ± 10 000 e 1000 a. C.	45
a. O Grande Húmido Holoceno ou Ótimo Climático Holoceno	45
b. O Árido Intermédio Meso-Holoceno.....	47
c. O Pequeno Húmido ou Húmido Neolítico	47
d. O Árido Pós-Neolítico	47
C. As famílias linguísticas	50
1. A família KhoiSan	51
2. A família Nilo-Sariana (Nilótica)	52
3. A família Níger-Congo	53
4. A família Afrasiana (Afro-asiática)	53
D. O Sara, uma terra a ocupar	56
1. O povoamento do Sara.....	57
2. Quem eram os primeiros habitantes do Sara?	60
E. Os neolíticos africanos.....	66
1. A questão da agricultura e da pecuária.....	67

2. A cerâmica.....	71
3. A metalurgia.....	72
F. A revolução egípcia	73
1. Egipto, filho das alterações climáticas.....	74
a. De $\pm 16\ 000$ a $\pm 13\ 000$ a. C.....	75
b. De $\pm 13\ 000$ a ± 7000 -6000 a. C.....	76
c. De ± 7000 -6000 a ± 5000 -4000 a. C.	77
d. Por volta de ± 3500 -3000 a. C.....	78
2. O Pré-dinástico (-5500-3500 a. C.) e o Proto-dinástico (-3500-3200 a. C.).....	78
3. A Núbia	81
4. As populações do vale do Nilo	83

CAPÍTULO II

NORTE DE ÁFRICA E NÚBIA DE ± 3200 A. C. AO SÉCULO VI D. C..	89
A. Egipto dinástico.....	90
1. Unificação e as primeiras dinastias.....	90
2. O Império Antigo (± 2700 -2200 a. C.).....	93
3. O Império Médio (± 2064 / ± 1800 a. C.)	96
4. Império Novo (± 1543 / ± 1078 a. C.).....	98
5. O Egipto no seu ambiente africano	105
B. Egipto desde o fim do período dinástico até às vésperas da conquista árabe-muçulmana	111
1. O período berbere (dinastias XXII, XXIII e XXIV)	112
2. O Egipto sob domínio núbio (± 730 a. C. / ± 656 a. C.).....	114
3. Egipto Ptolemaico (333-30 a. C.)	117
4. O período romano	120
5. Núbia (Napata, Meroé e Aksum) de ± 660 a. C. a 572 d. C.....	124
C. África berbere.....	128
1. O mundo líbio.....	128
2. Cartago (± 814 / 146 a. C.) (Fantar, 1993)	133
3. O período romano	140
4. Vândalos e Bizantinos	147

CAPÍTULO III

ÁFRICA SUL-SARIANA DE ± 2500 A. C. AO SÉCULO VI D. C.	153
A. África Ocidental	153
B. África Central.....	157
C. África Oriental.....	164
D. África Austral.....	167

SEGUNDA PARTE

ÁFRICA DO SÉCULO VII AO SÉCULO XV	171
---	-----

CAPÍTULO I

NORTE DE ÁFRICA NOS SÉCULOS VII E VIII	173
--	-----

A. A conquista árabe-muçulmana	173
1. Egipto, Vale do Nilo e Líbia (632-644)	174
2. A conquista do Magrebe (644-750)	178
3. A rapidez da islamização	186
B. Alterações no mundo berbere	191
1. Islamização aceite, arabização recusada	191
2. Carijismo, reacção berbere à arabização	193
3. Os novos Estados do Magrebe (Rustúmida, Idríssida, Aglábida)	197

CAPÍTULO II

NORTE DE ÁFRICA ENTRE OS SÉCULOS IX E XV	201
--	-----

A. Egipto 201	
1. Egipto sob os Tulúnidas (868-905)	201
2. O Egipto sob os Fatímidas (909-1171)	204
3. Egipto de 1171 até ao final do século XIV	208
B. O Magrebe até ao século XIII	210
1. A dissociação	210
2. O «fogo de palha» almorávida	214
3. Os Almóadas e a unificação do Magrebe	217
C. O Magrebe depois dos Almóadas	220
1. Os Háfsidas (1229-1574)	220
2. Os Ziânidas ou Abd el-Wadidas (1235-1554)	221
3. Os Merínidas (1258-1420)	223

CAPÍTULO III

ÁFRICA SUL-SARIANA DO SÉCULO VII AO SÉCULO XV	229
---	-----

A. O Vale do Nilo e o Corno de África	229
1. Núbia até ao século XV	229
2. Aksum e Gondar	233
B. África Ocidental	235
1. Os impérios da África Ocidental	235
a. O Gana	239
b. O Mali	242
c. O Império Songhai (Cissoko, 1996)	244
2. Entre o Sahel e o oceano	246

C. A região interlacustre e a África Oriental.....	250
1. O Kitara.....	251
2. Migrações luo.....	252
3. Ruhinda-Hinda e o Ruanda.....	254
4. África Oriental.....	257
D. África Austral e Madagáscar.....	261
1. África Austral.....	261
2. Madagáscar.....	264

TERCEIRA PARTE

ÁFRICA DO SÉCULO XV AO SÉCULO XVIII	269
---	-----

Capítulo I

ÁFRICA NOS SÉCULOS XV E XVI.....	271
A. Os descobrimentos portugueses e as suas consequências em África	271
1. As primeiras navegações.....	271
2. O tempo de Portugal.....	273
3. A primeira colonização portuguesa.....	277
4. Portugal e Marrocos.....	280
B. Egipto nos séculos xv e xvi.....	283
1. O fim do sultanato mameluco.....	283
2. Egipto otomano.....	284
C. O Magrebe nos séculos xv e xvi.....	286
1. Marrocos no século xv	286
2. Imperialismo otomano no Magrebe	288
3. Turcos e Marroquinos.....	290
4. A expedição portuguesa de 1578 a Marrocos.....	294

CAPÍTULO II

ÁFRICA SUL-SARIANA DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XVIII	297
A. África Ocidental	297
1. A expedição marroquina ao Níger e o fim do Império Songhai.	298
2. Entre o Atlântico e o lago Chade	301
3. Costa da África Ocidental.....	305
B. Etiópia, África nilótica e interlacustre.....	310
1. Etiópia do século xvi ao século xviii.....	310
2. Os sultanatos nilóticos e seus vizinhos.....	313
a. Os Funj	313
b. Os Shilluk.....	315

c. O Darfur	316
3. África interlacustre	316
C. África Central e Austral	321
1. O reino Luba, o império Lunda e o Kazembé	322
2. África Austral	327
a. Os KhoiSan, os Nguni e os Sotho	327
b. A fundação da feitoria do cabo da Boa Esperança	330
3. Madagáscar	333
CAPÍTULO III	
NORTE DE ÁFRICA NOS SÉCULOS XVII E XVIII	335
A. Egito e o Magrebe durante o período otomano	335
1. Egito	335
2. As regências turcas ocidentais	336
a. A Regência de Trípoli	337
b. A Regência de Túnis	337
c. A Regência de Argel	338
B. Marrocos	339
1. A entrada em cena dos Alauitas	339
2. Os corsários de Salé	342
CAPÍTULO IV	
O TRÁFICO DE ESCRAVOS	349
A. O tráfico atlântico (séculos XVI-XIX)	349
1. Os parceiros africanos dos negreiros europeus	350
2. Um «comércio» de rentabilidade incerta	359
3. A demografia africana e o tráfico de escravos	362
4. A abolição	365
B. O tráfico árabe-muçulmano (séculos VI-XX)	367
1. O comércio de escravos no Sara	369
2. Egito e Mar Vermelho	369
3. Zanzibar e África Oriental	372
QUARTA PARTE	
ÁFRICA NO SÉCULO XIX: 1800-1884	379
CAPÍTULO I	
NORTE DE ÁFRICA DE 1800 A 1880	383
A. Egito e Sudão	383

1. Campanha de Bonaparte no Egito (1798-1801).....	383
2. Egito sob Mehmet Ali (1805-1848)	387
3. A questão egípcia	392
4. Sudão	396
B. Da Tripolitânia a Marrocos.....	398
1. As Regências de Trípoli e de Túnis	399
2. A Regência de Argel.....	401
3. Marrocos.....	402
C. França na Argélia.....	404
1. A conquista	404
2. Argélia sob administração militar	411
3. A revolta cabila de 1871.....	414
CAPÍTULO II	
ÁFRICA SUL-SARIANA DE 1800 A ± 1880	419
A. A islamização e as jihad.....	419
1. A Islamização da África Ocidental.....	420
a. Usman dan Fodio.....	423
b. Seku Ahmadu.....	423
c. O reino de El Hadj-Omar (ou Império Tucolor ou Torodbe)	424
d. Samori	427
2. O Madismo e a islamização da África Nilótica.....	429
3. A Etiópia e as suas orlas	434
B. A costa ocidental africana após a abolição do tráfico de escravos ..	436
1. Os colonos negros da Libéria e da Serra Leoa	437
a. Serra Leoa	438
b. Libéria	442
2. A descoberta dos «óleos»	443
3. O golfo da Guiné	445
C. África Central e Austral	447
1. A região interlacustre.....	447
2. As «savanas do Sul».....	453
3. O confronto entre Nguni, Soto e Bóeres na África Austral.....	455
a. Os Xosa	455
b. O nascimento do reino zulu (Morris, 1981; Laband, 1995) ..	458
c. Os Ndebele e os Ngwane.....	462
4. Bóeres, Britânicos e zulus	464
5. Madagáscar	474
D. Da questão das nascentes do Nilo à Conferência de Berlim (1884-1885)	478

1. Exploradores e missionários.....	478
a. A questão das nascentes do Nilo.....	478
b. David Livingstone	485
c. Os missionários.....	490
2. O novo contexto internacional e a Conferência de Berlim.....	491
QUINTA PARTE	
ÁFRICA DE 1885 A 1914	493
CAPÍTULO I	
GRÃ-BRETANHA EM ÁFRICA.....	495
A. África Austral.....	495
1. Rodésia.....	497
2. As Repúblicas Bóeres	497
3. As Colónias do Cabo e de Natal.....	502
4. O fim das Repúblicas Bóeres.....	503
5. A criação da União Sul-Africana.....	508
B. O resto de África.....	511
1. Egito e Sudão	511
2. África Ocidental	513
3. África Oriental.....	515
4. O sistema colonial britânico	519
CAPÍTULO II	
FRANÇA EM ÁFRICA.....	523
A. O tempo da hesitação	523
1. A primeira doutrina colonial francesa	524
2. O debate colonial	527
3. Tunísia e Madagáscar.....	533
4. O ponto de viragem da década de 1890.....	536
B. A constituição do Império	538
1. A conquista da África Ocidental	538
a. A investida oeste-leste e Samori.....	538
b. A investida sul-norte.....	541
c. Gabão e golfo da Guiné	544
2. A conquista do Chade e a luta contra Rabah.....	546
a. A progressão a partir do Congo.....	549
b. A tomada do Chade e o fim de Rabah.....	552
c. Regiões sarianas	557

3. A Missão Marchand (ou Missão Congo-Nilo) e o caso Fachoda	558
4. A questão marroquina (1894-1912).....	561
C. O sistema colonial francês.....	569
1. Assimilação ou associação?.....	569
2. Centralização ou descentralização?.....	572
CAPÍTULO III	
A ALEMANHA E ÁFRICA.....	575
A. Bismarck e África.....	576
1. «Nós, Alemães, não precisamos de colónias».....	576
2. A Alemanha entre a recusa da colonização e o «lugar ao sol» ..	579
3. A questão da Mittelafrica.....	581
B. A constituição do império africano.....	584
1. Camarões.....	584
2. Sudoeste Africano.....	589
3. África Oriental.....	593
4. As Residências do Urundi e do Ruanda.....	595
CAPÍTULO IV	
AS OUTRAS NAÇÕES COLONIAIS	
(BÉLGICA, PORTUGAL, ITÁLIA E ESPANHA).....	599
A. Portugal.....	599
B. Bélgica.....	603
C. Itália.....	610
D. Espanha.....	614
BIBLIOGRAFIA.....	617
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	653

Índice de mapas

Introdução

África entre o deserto e a floresta.....	23
África política.....	27

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I

África na sua fase de aridez máxima no último máximo glacial ± 18 000 / ± 15 000.....	43
África entre ± 9000 / ± 6 000.....	44
África etno-linguística.....	52
África há ± 8000 anos.....	54
Genealogia e distribuição do grupo afrasiano em ± 18 000 / ± 10 000 .	56
O Sara arqueológico.....	58
Sara: um espaço de conquista.....	59
A repulsão nilótica ± 15 000 / ± 8000	76
O refúgio nilótico ± 9000 / ± 6000.....	77
Egipto: os proto-estados do sul por volta de ± 3500 / ± 3000 a. c.....	80
Os três principais haplótipos do cromossoma y no Egipto.....	82

Capítulo II

O Egipto pré-dinástico.....	91
O Egipto de ± 2700 a ± 1078 a. C.....	92
O Egipto do império novo [± 1543 / ± 1078 a. C.] e os reinos vizinhos .	99
A Núbia	108
O delta egípcio	112

O «Périplo do Mar da Eritreia» no século I d. C.....	119
Meroé e Aksum [± 500 a. C. / ± 700 d. c.]	125
Os principais povos da berbéria.....	128
Cartago e os reinos berberes.....	134
O império cartaginês.....	137
África romana no fim do século II d. C.....	143
África romana em ± 300 d. C.....	144
Vândalos, berberes e bizantinos [± 430 / ± 600 d. C.]	151

Capítulo III

África há 3500 anos.....	154
África no período romano	155
As populações residuais da África Oriental.....	165
O Rift Africano	166

SEGUNDA PARTE

Capítulo I

A primeira conquista árabe-muçulmana (631-714)	175
A incursão de Uqba Ben Nafi El Fihri (680-683).....	179
A conquista da berbéria pelos árabes	183

Capítulo II

O império fatímida (909-1171).....	203
O império mameluco entre 1260 e 1340.....	207
O império almorávida século XI.....	215
O império almóada.....	219

Capítulo III

O oceano Índico desde o século X ao século XV	230
África no século XI.....	232
A penetração muçulmana no Bilad Al-Sudan.....	237
O comércio transariano (séculos VIII-XV).....	238
O império do Gana no início do século XI.....	240
O império do Mali.....	243
O império songhai no início do século XVI.....	245

TERCEIRA PARTE

Capítulo I

Os descobrimentos portugueses (séc. xv).....	274
A vitória das caravelas sobre as caravanas (sécs. xv-xvi).....	279
Portugueses e espanhóis em Marrocos	281

Capítulo II

A conquista do songhai por Marrocos (1591)	299
Marrocos na sua extensão máxima (sécs. xvii-xviii)	300
Os reinos do sahel nos séculos xvii-xviii.....	303
O reino kongo no século xvi	309
A região interlacustre ou a «África da Vaca e da Lança»	317
As savanas do sul (sécs. xv-xviii).....	323
O império lunda, o imbangala e o cazembe (sécs. xvi-xviii)	324
Os reinos das savanas do sul (séculos xv-xviii)	326
As populações sul-africanas por volta de 1800	328

Capítulo III

Os corsários de salé no século xvii	343
---	-----

Capítulo IV

O império axanti (± 1700 – 1800)	352
Principais reinos costeiros nos séculos xvii-xix.....	355

QUARTA PARTE

Os grandes estados africanos no início do século xix	380
O império otomano no início do século xix	381

Capítulo I

A campanha de Bonaparte no Egipto (1798-1801)	385
O Egipto com Mehmet Ali (1804-1848)	389
Egipto e Sudão (1820-1898)	397
A revolta Cabila de 1871	415

Capítulo II

Os fula na África Ocidental	422
Os reinos muçulmanos do sahel no século xix	422
Os estados no Sahel no século xix	425
O «império» de samori.....	428

Os grandes estados do Sudão central e oriental (xviii-xix)	431
A Etiópia e o Corno de África.....	435
Abomei e Oiô no século xix.....	446
A expansão do Ruanda (séculos xiv-xix)	449
O Burundi no fim do século xix	452
O reino luba (séculos xviii-xix)	454
Extensão do entreposto do Cabo de 1652 a 1778	456
O Mfecane	461
Bantúfonos e holandeses na África do Sul	464
O Mfecane e as suas consequências.....	465
O grande Trek (1836-1838)	466
Negros e brancos na África do Sul	467
A guerra anglo-zulu 1879	473
As principais etnias de Madagáscar.....	475
As principais explorações – 1	480
As principais explorações – 2	481
Em busca das nascentes do Nilo	482
As expedições de Stanley	488
Os europeus em África.....	489

QUINTA PARTE

Capítulo I

África austral de 1856 a 1900.....	496
------------------------------------	-----

Capítulo II

Os franceses no Senegal em 1865.....	539
A conquista do Chade (1880-1900).....	548
Fases da ocupação de Marrocos pelos europeus (1907-1934).....	563
As fronteiras argelino-marroquinas	565

Capítulo III

Os Camarões alemães.....	585
O Togo alemão	588
O sudoeste africano alemão.....	592

Capítulo IV

O reino de M'Siri.....	603
O estado independente do Congo e os zanzibaritas.....	608

Introdução

O longo desenrolar da história do continente africano é marcado por mais mutações ou rupturas que tiveram lugar de acordo com uma periodização diferente daquela da história europeia. Além disso, enquanto na Europa os grandes fenómenos históricos ou civilizacionais foram continentais⁽¹⁾, nas Áfricas tiveram com maior frequência consequências unicamente regionais, excepto no caso da colonização.

1. A primeira mutação africana resulta das alterações climáticas⁽²⁾ que levaram a uma sucessão de episódios secos e húmidos, no enquadramento dos quais teve lugar a fixação das populações.

(1) Além de manifestações regionais muitas vezes individualizadas, toda a Europa foi afectada pelo fim do Império Romano, irrigada pela arte romana e depois pelo gótico; toda ela foi atingida pelo Renascimento e pela Reforma, pelo Iluminismo, pelas revoluções industriais, ou ainda pelos movimentos de 1848, etc.

(2) Ao longo de 9000 km, de norte a sul, de Argel ao Cabo da Boa Esperança, a África está dividida em seis grandes zonas resultantes de seis grandes regimes pluviais:

- entre os 0 e 100 mm de precipitação anual, estamos na presença de ambientes desertos nos quais o povoamento é impossível ou residual;
- entre os 100 e 300 mm, domina a estepe subdesértica com actividades pastorais assentes na transumância;
- entre os 300 e 600 mm, as savanas herbáceas são propícias à pecuária;
- entre os 600 e 1500 mm, temos o predomínio das savanas arbustivas, uma grande zona agrícola africana. A pecuária ainda é possível, excepto perto da zona pré-florestal, onde podemos encontrar a mosca tsé-tsé;
- acima dos 1500 mm surge a grande floresta equatorial que tem vindo a recuar desde há 2000 anos sob a acção dos arroteadores;

nas duas extremidades norte e sul do continente, o sistema de estações com Verão e Inverno e com as chuvas de Outono e Primavera permite a definição de um clima mediterrâneo.

As suas manifestações e as suas consequências não foram as mesmas na África Ocidental, na África Oriental e Austral⁽³⁾. No vale do Nilo, explicam o «milagre» egípcio.

2. A segunda deu-se com a islamização do Norte de África nos séculos VII-VIII, que ocasionou:

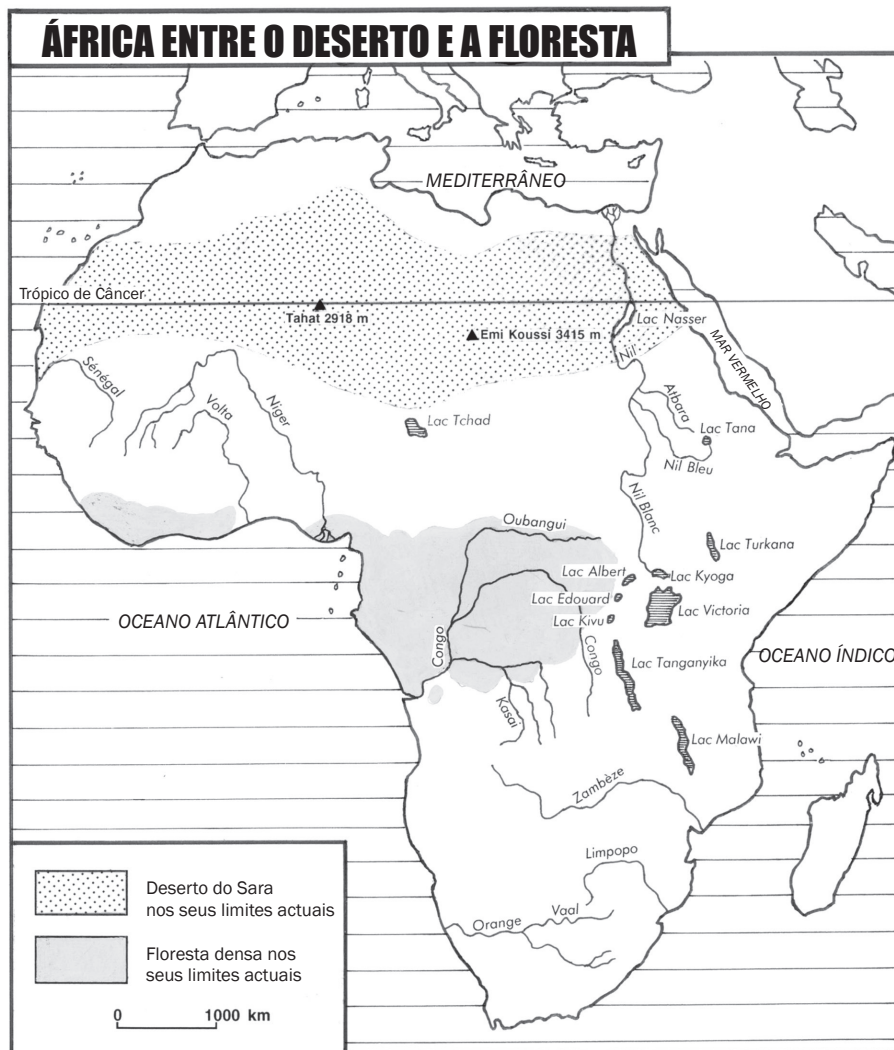
- uma divisão Norte-Sul do mundo mediterrânico⁽⁴⁾ e o aparecimento de uma frente móvel entre o Cristianismo e o Islão que apenas se estabilizou no século XVII;
- uma orientação de todo o Norte de África, até então voltado para o mundo mediterrâneo, para o Oriente;
- uma profunda mutação na berberidade com o aparecimento de Estados berberes islamizados que adoptaram as heresias que debilitavam o mundo muçulmano, isto com o intuito de se libertarem da influência árabe.

3. A terceira⁽⁵⁾ foi uma consequência das *Grandes Descobertas*, quando as potências marítimas europeias redireccionaram para o oceano o coração económico e político do continente que, há séculos, batia nas regiões do Sahel. Segundo o historiador português Magalhães Godinho (1969), tratou-se da «vitória da caravela sobre a caravana.» Embora deva ser limitada no seu âmbito histórico, esta expressão eloquente sublinha, todavia, uma realidade essencial: a costa da África Atlântica Sul-sariana, até então marginal na história do continente, tornou-se em poucas décadas o principal centro económico e político de toda a África Ocidental, isto com um *boom* muito específico por altura do Tráfico, quando se estabeleceram

⁽³⁾ Entre ± 300 e ± 1100 d. C., as chuvas eram abundantes e surgiram grandes impérios em todo o Ocidente africano. Nos quatro séculos seguintes, a seca regressou e o Sahel entrou numa fase de lento adormecimento. Depois, entre 1500 e 1600, com o regresso da precipitação, o Lago Chade atingiu o seu nível histórico mais elevado e as migrações dos pastores fula puseram em acção as alavancas históricas cujos efeitos se fariam sentir durante os dois séculos seguintes. A partir do início do século XVII, a região entrou mais uma vez num período de seca severa que deu origem a crises alimentares e políticas, juntamente com invasões de gafanhotos. Chegou então o tempo da retracção e os Estados que então apareceram eram todos etnocêntricos. Depois, a partir do final do século XVIII, um relativo regresso das chuvas permitiu uma nova expansão saheliana ilustrada pelas grandes *jihad*s dos pastores fula e pela constituição de vastas entidades.

⁽⁴⁾ À qual foi posteriormente acrescentada uma divisão este-oeste após a intrusão turca no Mediterrâneo.

⁽⁵⁾ Neste caso, trata-se exclusivamente da África Sul-sariana.



ou se desenvolveram poderosos reinos nos locais onde os europeus desembarcavam para comprar escravos aos seus parceiros-fornecedores africanos.

4. A quarta teve lugar a partir do século XVIII com a aparição de Estados fortes, frequentemente designados como impérios. Este fenómeno, que ocorreu em toda a África a sul do Sara, apresenta grandes diferenças regionais. Na região sahelio-sudanesa, a *jihad* serviu de escudo à vontade imperialista dos sultanatos setentrionais que decidiram expandir-se à custa das entidades animistas sahelianas desprovidas de litoral, como os reinos bambara.

Aqui, o Islão foi por vezes um factor de coagulação da realidade étnica. Na África Central ou Austral, em contrapartida, a questão da etnia não é ignorada, mesmo em casos da constituição de impérios, visto que estes últimos, sempre estritamente etnocêntricos, eram formados pela reunião de tribos ou de clãs pertencentes aos mesmos grupos étnicos; os exemplos dos reinos Luba, Lunda, Xona, Zulu, ou de Imérina, em Madagáscar, ilustram com veemência esta grande originalidade.

5. A quinta deu-se durante o período colonial. Este breve parêntesis de menos de um século entre as décadas de 1880 e 1950, quando se iniciou o movimento de descolonização, perturbou profundamente os equilíbrios continentais, por dois grandes motivos:
 - a conquista colonial fez-se geralmente em benefício dos pólos costeiros com os quais os europeus mantinham relações seculares e que, em muitos casos, tinham sido seus parceiros durante a época do tráfico de escravos;
 - os impérios que resistiram à colonização foram furtivamente desmantelados em benefício das populações que até então dominavam. A colonização desfez assim diversas potenciais ou futuras «Prússias» africanas: Madagáscar e a monarquia Hova, o Império Sokoto, os reinos Ashanti e Zulu, os núcleos criados por el-Hadj Omar ou por Samory, etc. Subjugou outros, travando-os durante uma fase expansionista da sua história, como o Estado ruandês tutsi isolado da sua saída noroeste no Kivu e empurrado para as terras altas que fazem fronteira com o sistema Congo-Nilo; ou ainda como a Etiópia, impedida de recuperar o acesso ao mar em resultado da ocupação italiana da Eritreia. A colonização também procedeu por amputação, como no caso de Marrocos, um Estado milenar dividido territorialmente em benefício da Argélia e da Mauritânia.
6. A sexta ruptura deu-se por ocasião das independências da década de 1960, altura em que a descolonização confirmou de um modo regular a nova relação de poder – ou a inversão das relações de força – resultante da colonização. Aqui e ali, os que inicialmente haviam sido dominados na era pré-colonial, muitas vezes convertidos em executivos locais do poder colonial, herdaram os Estados criados pelos colonizadores: foi o caso dos Ibo na

Nigéria, dos povos costeiros de Madagáscar ou mesmo do Sara no Chade, etc.

7. A sétima ruptura é o resultado da cartografia colonial constituída pelas linhas artificiais traçadas a partir da Europa⁽⁶⁾ e que a África independente herdou. No entanto, as verdadeiras fronteiras africanas seguem barreiras naturais, como os desertos ou as florestas⁽⁷⁾, que cortam o continente em faixas paralelas ao Equador, ao passo que as vias de comunicação que permitem a sua travessia têm, pelo contrário, geralmente uma orientação sul-norte-sul⁽⁸⁾. A colonização impôs aqui uma malha artificial e é por isso que as fronteiras herdadas da colonização regularmente se apresentam como verdadeiras «prisões dos povos». Erguidos no seio destas divisões, os Estados pós-coloniais não são, na sua maioria, mais do que invólucros legais vazios que não coincidem de todo com as pátrias físicas que constituem a base das verdadeiras raízes humanas.
8. A oitava ruptura surgiu durante a Guerra Fria, quando a África, recém-independente, se viu forçada a adoptar uma história que não era a sua ao alinhar-se com um ou outro bloco.
9. A nona é datada da década de 1990, quando os blocos já tinham desaparecido e os verdadeiros problemas se manifestaram com ainda mais vigor porque tinham sido negados desde a independência. Eram inicialmente étnicos, históricos, culturais, políticos e por vezes religiosos, antes de serem económicos, como postulado tanto pelos marxistas como pelos defensores da economia de mercado. Todavia, no momento em que se poderia ter reconectado com a sua história, este continente foi impedido de o fazer pela democratização que conduziu à etno-matemática, ou seja, a vitória dos povos mais numerosos. Além disso, uma vez que a democracia foi imposta em África sem qualquer preocupação prévia com a salvaguarda da expressão das minorias, eclodiram por toda a parte distúrbios,

⁽⁶⁾ E que dividiram povos, ou, pelo contrário, condenaram outros povos a viverem juntos, embora nunca tivessem tido um destino comum.

⁽⁷⁾ Entre os obstáculos que exacerbaram a compartimentação, importa não esquecer os rios, com os seus rápidos, a barra que «isola» uma parte significativa da costa em relação ao mar alto, bem como as barreiras criadas pela mosca tsé-tsé, variáveis no tempo e no espaço, e que também elas condicionaram a história de grandes partes deste continente.

⁽⁸⁾ Rotas transarianas nascidas no alinhamento dos oásis, vale do Nilo e Vale do Rift com os corredores das terras altas da África Oriental.

guerras e massacres: foi o caso da Nigéria, da Libéria, da Serra Leoa, Madagáscar, Chade, Mali, Costa do Marfim, Níger, Sudão e Quênia, atingindo as proporções de um genocídio no Ruanda.

10. A décima deve-se ao facto de a África tradicional ter visto a sua demografia explodir graças aos progressos alcançados pela medicina colonial e, depois, pelas campanhas de vacinação. A sobrepopulação resultante traduziu-se numa competição pela terra. Trata-se de uma revolução e até mesmo de um trauma para as sociedades cujas referências até então estavam ligadas aos espaços infinitos. A demografia explica assim a amplificação de certos conflitos tradicionais, como no Ruanda ou no Quênia.

Caçadores, pastores, agricultores

Na África sul-sariana tradicional, o Homem pertence a três grandes tipos culturais, por vezes mistos ou associados, que assentam na caça, na pecuária ou na agricultura. De um modo geral, o artesanato era menosprezado.

Entre os caçadores, alguns, como os Pigmeus ou os San, viviam em ambientes de refúgio, florestas ou desertos, em pequenos grupos móveis num *habitat* composto por cabanas rudimentares. Não existia arquitectura, nem decoração de interiores, nem objectos volumosos para transportar e formas artísticas que correspondessem ao seu nomadismo, como a dança, as pinturas rupestres ou os ovos de avestruz decorados. A sua organização política era a família.

Os pastores, os mais conhecidos dos quais são os Fula, os Massai, ou ainda os Hima-Tutsi, criavam bovinos, ovinos ou caprinos. Muitas vezes, era praticada uma pecuária mista. Consoante a quantidade de pastos e de água, estes nómadas deslocavam regularmente os seus acampamentos, sendo por este motivo que as suas realizações artísticas eram leves e fáceis de transportar: recipientes de leite decorados, cestaria, armas, etc. De um modo geral, os pastores não criavam Estados porque não tinham essa necessidade, visto que as grandes áreas pastoris da África Ocidental ou Oriental não eram cobiçadas pelos agricultores. A grande excepção encontra-se na África interlacustre, região favorável tanto à agricultura como à pecuária e onde, desde muito cedo, surgiu a competição pelo espaço físico. Foi então que, «para proteger da rapacidade da enxada os bens resultantes da vaca», os criadores de gado constituíram Estados nos quais dominavam os homens da terra.

Os agricultores eram sedentários e geralmente viviam em aldeias, onde tinham desenvolvido a chamada civilização «dos celeiros». Nestas aldeias, uma vez que não tinham de ser deslocadas, as representações artísticas mais «pesadas» eram constituídas por estátuas, máscaras, potes; quanto às cabanas, podiam ser decoradas. No mundo tradicional, a terra era abundante e a



Todos os direitos reservados www.bernard-lugan.com

prioridade era ter mãos para a arrotear. Ter uma descendência numerosa tornava-se um imperativo, daí a civilização da virilidade e da fertilidade⁽⁹⁾.

⁽⁹⁾ Estes três tipos culturais interpenetravam-se largamente, encontrando-se muitas vezes associados e por vezes até justapostos. No entanto, como acabámos de ver, na África Ocidental e Oriental, as realidades climáticas permitiam distinguir zonas pastoris e zonas agrícolas, ao passo que na África Oriental interlacustre e numa parte da África Austral, os pastores e os agricultores viviam na mesma área. Neste último caso, a competição pela terra explica em parte o nascimento dos Estados. Noutros locais, especialmente na zona do Sahel, foi o comércio transariano que favoreceu o fenómeno estatal.

Outra ruptura tem lugar actualmente; está associada à *Corrente Pós-Colonial* (Journet, 2006) que contesta a hegemonia do pensamento ocidental⁽¹⁰⁾. Com ela, estamos na presença da primeira tentativa de descolonização da África em profundidade: trata-se, de facto, de uma rejeição global do universalismo no qual se basearam, primeiro a colonização⁽¹¹⁾, e em seguida, após as independências, as relações entre o «Norte» industrializado e África. Filosofia iluminista, contrato social, individualismo, democracia, direitos humanos, interferência humanitária, etc., tudo isto são referências ou «valores» postulados como universais, mas na realidade totalmente centrados no Ocidente, que são actualmente rejeitados por uma nova geração de pensadores africanos⁽¹²⁾.

⁽¹⁰⁾ Não confundir com o processo de competição de memórias. A este respeito, ver Reinhardt (2006); Hargreaves (2005); Blanchard e Bancel (2006); Blanchard, Bancel, Lemaire, 2005).

⁽¹¹⁾ Especialmente, a colonização francesa. (Lugan, 2006a: 95-113; 313-322)

⁽¹²⁾ Jean-Louis Amselle (2008) vê aqui um perigo: o regresso do etnismo (o conjunto de laços que ligam indivíduos com um passado sócio-cultural comum, em especial a língua) e o favorecimento do pensamento etno-racial.

Primeira Parte

África desde as origens ao século VI d. C.

Durante este longo período, o clima africano conheceu uma evolução irregular rumo à aridez actual. Esta tendência inexorável para a deterioração climática explica tanto o fracasso da experiência neolítica do Sara como o sucesso da revolução egípcia. No fim do processo de seca, o Sara, anteriormente o cruzamento de todo o continente a norte do equador, tornou-se uma barreira.

No leste do Norte de África, o *continuum* civilizacional egípcio que se estendeu por mais de quatro milénios abrange os períodos dinástico, helenístico, romano e bizantino. A oeste, a existência de grandes reinos berberes – Massilo, Massaessilo e Mauritânia – prefigura já a moderna divisão do Magrebe em três entidades nacionais (Tunísia, Argélia e Marrocos). Por um momento unido sob a autoridade de Roma, o Norte de África no seu conjunto vê-se a partir do século IV d. C. profundamente abalado por crises étnicas, políticas, religiosas e económicas. Estas divisões explicarão a conquista árabe-muçulmana do período seguinte.

A sul do Sara, a migração dos bantúfonos cobre uma grande parte da África Central, Oriental e Austral. A leste, duas vagas migratórias pastorais vindas do Norte espalham-se para sul. Com a primeira, os pastores nilo-sarianos abandonam o actual Sudão e deslocam-se até ao oeste do Lago Vitória, seguindo o corredor das terras altas do *Rift Ocidental*. A primeira, que parte do Corno d'África, envolve os criadores de gado cushíticos que se espalham entre o oceano Índico e o Lago Vitória.

Capítulo I

África até ± 3200 a. C.

Entre o momento da aparição do *Homem Moderno* ($\pm 200\,000$ e $\pm 150\,000$ anos) e o 4.º milénio a. C., período anterior ao «milagre egípcio», África conheceu alterações climáticas consideráveis. Esta alternância de episódios quentes e húmidos com episódios frios e secos explica o estabelecimento das populações e a colonização do continente pelos antepassados dos seus actuais ocupantes.

A frente intertropical (FIT)

Yves Tardy e Jean-Luc Probst, dois climatólogos tropicalistas, evidenciaram o papel da FIT nas sucessivas alterações climáticas de África:

«O clima em África segue a posição da FIT (Frente Intertropical) ou ITCZ (Intertropical Convergence Zone [Zona de Convergência Intertropical]). É possível distinguir dois cenários:

1. Quando a FIT se encontra numa posição meridional, seja porque os anticiclones polares móveis, originários do Pólo Sul, são menos activos do que o habitual, ou porque os seus homólogos setentrionais, vindos do Pólo Norte, são, pelo contrário, mais longos e mais activos, o défice de precipitação é generalizado no Sahel da África Ocidental [...] Foi o caso dos anos 1942, 1944, 1948, 1970, 1971, 1972 e 1973 [...].
2. Quando a FIT sobe para norte por pressão dos anticiclones móveis originários do Pólo Sul, regista-se um excesso pluviométrico na África saheliana ocidental. [...].

Assim, com os movimentos da ITF que se encontram sob a influência da ascensão para norte das massas de ar polar provenientes do Pólo Sul ou da descida para sul das massas de ar polar

provenientes do Pólo Norte, podemos facilmente compreender a relação que pode existir entre as flutuações de temperatura e humidade, bem como o efeito de competição entre o Hemisfério Norte e o Hemisfério Sul.» (Tardy e Probst, 1992: 26)

De uma forma mais abrangente, a investigação actual integrou as variações contemporâneas da FIT em ciclos mais antigos. É assim que, na sua tese dedicada às alterações climáticas africanas ao longo dos últimos 165 mil anos, Mathieu Dalibard (2011) escreve:

«As alterações climáticas globais à escala do Quaternário (período que se iniciou há 2,5 milhões de anos) resultam da interacção de vários factores que actuam de forma mais ou menos cíclica a curto ou a longo prazo. As principais alterações climáticas, tais como os ciclos longos cujo período é superior a alguns milénios, devem-se a variações no movimento e na posição da Terra em relação ao Sol. Se bem que estes ciclos influenciam as alterações climáticas de grande escala que são as fases glaciais e interglaciais, outros ciclos de menor duração também desempenham um papel nas flutuações ambientais». (Dalibard, 2011: 30)

Estes ciclos climáticos longos são três:

1. Os ciclos que dependem da variação da órbita terrestre, ou «ciclos de excentricidade», variam entre 400 000 e 100 000 anos.
2. Os ciclos que dependem da inclinação do eixo terrestre, ou «ciclos de obliquidade», variam entre 54 000 e 41 000 anos.
3. Os ciclos que dependem da variação do eixo de rotação da Terra, ou «ciclos de precessão», variam entre 23 000 e 19 000 anos.

Durante estes três ciclos, a interceptação dos raios solares pela Terra altera-se e, por consequência, o clima também. Com efeito, os parâmetros orbitais evoluem e a quantidade de energia solar recebida pela Terra é automaticamente afectada. Daí, as alterações climáticas que ocorreram com intervalos de 100 000, 40 000 e 20 000 anos, respectivamente.

Ora, o actual processo de aquecimento saro-saheliano teve início há cerca de 5000 anos, na época designada por Árido Pós-Neolítico, entre ± 2500 e ± 2000 -1500 a. C., e é este ciclo que se prolonga actualmente, intercalado com remissões e secas:

- durante o período moderno, os principais picos de aridez dos quais temos conhecimento tiveram lugar no século XVII, com um auge entre 1730 e 1750;
- o século XX sofreu quatro grandes secas entre 1909-1913, 1940-1944, 1969-1973 e 1983-1985 (Retaille, 1984; Ozer *et al.*, 2010; Maley e Vernet, 2013);
- durante a década de 1960, período «quente» do Ótimo Climático Contemporâneo, uma breve pluviometria crescente fez com que a zona saheliana subisse para norte, invadindo assim o deserto;

- desde 1972, a pluviometria tem vindo a decrescer, o deserto alarga-se e o Sahel estende-se de novo para sul, as isoietas médias descem 100 a 150 quilómetros em direcção às áreas sudanesas conhecidas por serem chuvosas, explicando assim as secas mais recentes (Carré *et al.*, 2018), cujas consequências são naturalmente agravadas pela pressão demográfica⁽¹⁾.
-

A. As etapas da hominização

Até à viragem do milénio anterior, postulava-se que:

1. a hominização aconteceu em África e o resto do planeta foi povoado por um movimento difusionista a partir deste continente. Esta teoria era conhecida como «Out of Africa»;
2. o *Homem Moderno*, nome agora dado ao *Homo Sapiens*, teria surgido em África há ± 200 mil anos e há cerca de 120 mil anos teria saído de África para povoar o resto do planeta. Era a chamada teoria da «Eva Africana».

Todavia, à medida que se foram acumulando as descobertas dos últimos dez anos, estas duas hipóteses viram-se debilitadas⁽²⁾ em favor da do multiregionalismo. De Marrocos à Geórgia, de Espanha à Mongólia, da China a Israel e África, podemos observar «sapienizações» locais que podem ter dado origem a linhagens independentes.

(1) Asobreexploração das pastagens, o desmatamento, a destruição dos bosques de tamarigueiras, transformados em lenha destinada ao abastecimento dos fornos das padarias para alimentar uma população com uma demografia suicida, o abandono das tradicionais rotações trienais, tudo isto conduz a um esgotamento dos solos, que está actualmente a acelerar. No entanto, este massacre do ambiente por parte do Homem não é por si só a causa do aquecimento. O problema é que alguns confundem origem e influência, duas noções científicas diferentes.

(2) Na África Oriental, a falha do Vale do Rift põe a descoberto sedimentos com mais de 4 milhões de anos. Este milagre geológico explica que ali tenham sido feitas algumas das descobertas mais antigas no que respeita às origens do Homem, uma vez que na Ásia e na Europa, para poder atingir o mesmo nível geológico, logo, estratos da mesma época, seria necessário escavar até 3 quilómetros de profundidade (Langaney *et al.*, 1998: 36).

1. *Hominídeos e primatas*

Quatro grandes sequências permitem ver que a África não foi o único continente onde se deu a aparição de primatas:

1. Há cerca de 70 milhões de anos, os primeiros primatas apareceram na Ásia, e não em África;
2. Há 40 milhões de anos, sempre na Ásia, sucederam-lhes os primatas antropomorfos. No mês de Setembro de 2008, um novo fóssil de primata, *Ganlea megacanica*, foi descoberto na Birmânia por uma equipa internacional que incluía dois paleontólogos franceses: os professores Laurent Marivaux e Jean-Jacques Jaeger (2009). Esta descoberta foi importante porque o *Ganlea megacanica*, que viveu há 37 milhões de anos, é, até hoje, o mais antigo antepassado comum dos homens e dos macacos. Com efeito, o seu aparecimento ocorre logo após a separação entre as duas linhagens de primatas: a dos pro-símios, cujos actuais representantes são nomeadamente os lémures de Madagáscar, e a dos antropóides que agrupa os macacos e os hominídeos⁽³⁾.

Nestas condições, uma vez que o *Ganlea megacanica* é anterior aos primatas africanos, porque é que a evolução do género *homo* não se terá feito apenas a partir destes últimos?

3. Há mais de 11 milhões de anos, ou seja, vários milhões de anos antes do bipedismo africano, macacos bípedes driopitecos anteriormente desconhecidos (*Danuvius guggenmosi*) viviam na Europa (Baviera). Esta descoberta da mais antiga prova de bipedismo num primata, feita por Madelaine Böhme (2019), da Universidade de Tübingen, concede novos argumentos à hipótese de uma diversificação do bipedismo, e, como tal, de uma hominização. De facto, esta espécie viveu antes da datação anteriormente proposta para a separação de linhagens que conduziu aos grandes símios, por um lado, e aos humanos, por outro.

Com esta descoberta, podem ser formuladas três hipóteses:

- que estes primatas desapareceram na Europa e não tiveram descendência;

⁽³⁾ Esta descoberta não é um caso isolado porque outros fósseis pertencentes à mesma família do *Ganlea megacanica* foram descobertos na Tailândia e em toda a região.

- que tiveram uma descendência que, posteriormente, deu origem a uma hominização europeia independente da hominização africana;
 - que as alterações climáticas os forçaram a abandonar a Europa, ao que migraram para África seguindo o recuo do coberto florestal... e, neste caso, a origem da hominização africana seria «europeia»;
4. Na Grécia e na Bulgária, há cerca de 8 milhões de anos, ou seja, um milhão de anos antes dos mais antigos australopitecos e de outros hominídeos⁽⁴⁾ africanos, viveu o *Graecopithecus freybergi* (Böhme e Spassov, 2019), um antepassado distante do género *Homo*. Esta descoberta põe completamente em causa a ideia segundo a qual as linhagens que conduziram, por um lado, ao homem, e por outro, aos grandes símios de hoje se separaram em África há 7 milhões de anos, uma vez que a separação seria mais antiga e teria acontecido na Europa e não em África...

2. Primeiros homens ou primeiros africanos?

- **Os australopitecos⁽⁵⁾**, que não são nossos antepassados, foram descobertos apenas em África⁽⁶⁾. O «parentesco» entre os *Homens modernos* e os australopitecos limita-se à existência de um hipotético antepassado comum⁽⁷⁾.

⁽⁴⁾ Os **pro-símios** são os mais primitivos dos primatas e apresentam formas ditas «ancestrais» em comparação com os macacos, os hominóides e os humanos.

Os **hominóides** agrupam os gibões, os orangotangos, os gorilas, os chimpanzês e os homens, assim como diversas espécies actualmente desaparecidas.

Os **hominídeos** pertencem a todas as espécies actuais ou desaparecidas que partilham um passado comum com o homem actual, mas não com o chimpanzé.

⁽⁵⁾ Dotados de uma bacia de bípede, o seu cérebro tinha menos de 500 cm³, um terço do nosso, e a sua altura era, no máximo, de 1,40 m.

⁽⁶⁾ *Australopithecus* é uma denominação abrangente que designa vários hominídeos que viveram há entre 4 e 2 milhões de anos. Estes fósseis, que incluem características tanto simiescas como humanas, apresentam grandes diferenças morfológicas. Existem, como tal, várias espécies dentro do género *Australopithecus*.

⁽⁷⁾ A famosa Lucy é, como tal, apenas uma prima em segundo grau e não a nossa avó. A montante do género *Homo*, foi descoberto um novo género de hominídeo no final de 2000, no Quénia. Este «Ancestral do Milénio» viveu há 6 milhões de anos.